

O TRATAMENTO CONCEDIDO AO ENSINO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Fernanda Pizarro de MAGALHÃES

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense- IFSUL

Resumo: Na tentativa de contribuir para a concretização de uma perspectiva enunciativa no ensino de Língua Materna da Educação Profissional de modo a propiciar aos futuros profissionais condições de compreender a linguagem como atividade social e de desenvolver competências que lhes permitam acompanhar as transformações do mundo do trabalho, o presente estudo teve como objetivo investigar o real tratamento que a escola vem dispensando ao estudo de gênero nessa modalidade de ensino, averiguando, em especial, se ela vem acompanhando as transformações da esfera empresarial, área de atuação do aluno egresso de Instituição Profissionalizante. O estudo tem respaldo nos postulados bakhtinianos e defende ser um ensino discursivo aquele que parte da análise dos aspectos socio-históricos da situação, privilegiando a vontade enunciativa do locutor para, a partir daí, buscar marcas linguísticas que refletem, no texto, essas marcas da situação. Como forma de atingir o objetivo do estudo, foram analisados planos e programas de ensino, entrevistados professores e observadas aulas de Língua Materna nos cursos de Química, Edificações e Eletrônica do IFSul. Verificou-se que a concepção de língua subjacente ao ensino de Língua Materna na Instituição profissionalizante é de base instrumental e que gênero é concebido como espécie ou família de textos com características estáveis. O estudo defende a tese de que a escola só adotará uma perspectiva enunciativo-discursiva quando compreender que o gênero precisa ser visto sob a ótica da esfera da atividade, espaço de refração da realidade, e o presente estudo, como um todo, representa um passo nessa direção.

Palavras-chave: Gênero Discursivo. Educação Profissional. Círculo Bakhtiniano.

THE TREATMENT GIVEN TO THE TEACHING OF GENRE IN PROFESSIONAL EDUCATION

Abstract: Aiming to contribute to the achievement of an enunciative perspective in the teaching of L1 of the Professional Education in order to provide future professionals with ways to understand the language as a social activity and develop skills that enable

them to follow the changes of the working world, this study aimed to investigate the real treatment that the school has been giving to the study of gender in this type of education, especially checking if it has been tracking the changes from the business world, the working area of the student who comes from a Polytechnic Institution. The study is supported by the Bakhtinian postulates and argues that it is a discursive teaching, the one that takes, as starting point, the analysis of the socio-historical aspects of the situation, privileging the enunciative desire of the speaker to seek linguistic features that reflect, in the text, such situation features. As a way to achieve the goal of the study plans and teaching programs were analyzed, teachers were interviewed and L1 lessons in Chemistry, Electronics and Building courses at IFSUL were observed. In general, it was found that the design of language underlying the teaching of L1 in a polytechnic institution has an instrumental basis and that gender is conceived as a species or family of texts with stable characteristics. The study supports the idea that the school will only adopt an enunciative-discursive perspective when it understands that gender must be seen from the perspective of the sphere of activity, refraction space of the reality, and the present study, as a whole, represents a step in that direction.

Keywords: Discursive Gender. Business World. Professional Education. Bakhtinian Circle.

EL TRATAMIENTO OTORGADO A LA ENSEÑANZA DEL GÉNERO EN LA EDUCACIÓN PROFESIONAL

Resumen: Con el intuito de contribuir con la concretización de una perspectiva enunciativa en la enseñanza de Lengua Materna en la Educación Profesional, de manera que se pueda ofrecer a los futuros profesionales condiciones de comprender el lenguaje como actividad social y desarrollar competencias que les permitan acompañar las transformaciones del medio laboral, el presente estudio tuvo como objetivo investigar el real tratamiento que la escuela viene brindando al estudio del género en esa modalidad de enseñanza, averiguando, especialmente, si ella viene acompañando las transformaciones del ámbito empresarial, área de actuación del alumno egreso de un Instituto Profesional. El estudio está respaldado en los postulados bajtinianos y defiende que la enseñanza de índole discursiva es aquella que parte del análisis de los aspectos socioculturales del contexto, privilegiando el deseo enunciativo del locutor y a partir de ahí, buscar marcas lingüísticas que reflejen, en el texto, las marcas del contexto. Para alcanzar el objetivo de este estudio, fueron analizados planes y programas de enseñanza, entrevistados profesores y observadas algunas clases de Lengua Materna en los cursos de Química, Edificaciones y Electrónica de IFSul. Se verificó que la concepción de lengua subyacente a la enseñanza de lengua Materna en un Instituto Profesional es de base instrumental y que el género es concebido como una especie o familia de textos con características estables. Este estudio defiende la tesis de que la escuela solo adoptará una

perspectiva enunciativa discursiva cuando comprenda que el género necesita ser visto bajo la óptica de la esfera de la actividad, espacio de refracción de la realidad, y el presente estudio, como un todo, representa un paso en esa dirección.

Palabras clave: Género Discursivo. Educación Profesional. Círculo de Bajtiniano

INTRODUÇÃO

Em se tratando da Educação Profissional, tem sido visível, em nosso país, o constante crescimento desse segmento de ensino nos últimos tempos. São significativas as mudanças que nossos representantes têm dispensado a essa área em decorrência, principalmente, do crescimento da economia e da necessidade de profissionais que correspondam à nova realidade do mercado de trabalho. Não só a mídia tem divulgado números e dados significativos desse crescimento, como tem sido visível o crescente surgimento de unidades, anexos, vinculados à Rede Federal de Educação Profissional. Ora, essa nova realidade exige, sem dúvida, uma postura inovadora de todos aqueles comprometidos com a Educação Profissional no Brasil. Torna-se imprescindível redimensionar a prática pedagógica que vem sendo desenvolvida nas instituições profissionalizantes, propiciando aos futuros profissionais condições de desenvolver competências que lhes permitam acompanhar as transformações desencadeadas pelas mudanças tecnológicas e organizacionais por que passam as estruturas sociais do setor produtivo.

E um trabalho com gêneros pode ser relevante no ensino de Língua Materna, já que as teorias voltadas a essa concepção defendem primordialmente a tese de que todos os processos de comunicação - orais, escritos, literários, não literários - realizam-se por meio de um determinado gênero. Seguir essa ótica na Educação Profissional significa a tentativa de substituir a atual visão de ensino de Língua Materna; extrapolar o conteúdo de português instrumental; estabelecer interface com disciplinas técnicas; conhecer as especificidades da esfera empresarial e compreender a relação inerente entre texto, contexto e sociedade. Assumir a perspectiva de gênero, aqui em especial a de gênero discursivo, é ampliar a visão de atuação do aluno, é garantir a ele a possibilidade de produzir textos que realmente funcionem na sociedade, diminuindo a artificialidade que, normalmente, o trabalho com texto apresenta na esfera escolar.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A NOÇÃO DE GÊNERO DISCURSIVO FILIADA À ABORDAGEM DIALÓGICA

1.1.1 A concepção de língua e linguagem

Para o Círculo, a linguagem permeia toda a vida social e exerce um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, está boa parte das reflexões sobre a teoria da linguagem e do dialogismo e nela fica evidente que a ênfase recai na complexidade das manifestações da linguagem em situações sociais concretas e não na *langue* (Saussure), sistema abstrato, com suas características formais passíveis de serem repetidas. A proposta do Círculo reside em romper com o dualismo linguístico/social e instaurar um olhar para a tensão verbal/social/ideológico, pondo em evidência a noção de *interação verbal*.

A noção de interação é a base do arcabouço teórico da teoria de Bakhtin. A função da linguagem não é só de expressão do pensamento ou de instrumento de comunicação, mas também de interação. A respeito disso, afirmam os autores

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua... (BAKHTIN;VOLOCHÍNOV, 2006, p. 123)

Bakhtin concebe a linguagem como uma criação coletiva integrante de um diálogo cumulativo entre o *eu* e o *outro*, entre muitos *eus* e muitos *outros*. Assim, a noção de dialogismo é a que melhor resume e sustenta a teoria bakhtiniana, constituindo-se em um princípio, uma propriedade polivalente que se instaura a partir da constante comunicação com o outro, cujo processo não comporta observações estanques. A concepção de linguagem, “configura-se como uma recusa a qualquer forma fechada de tratar das questões da língua, pois sendo o dialogismo constitutivo, a interação com o outro é um pressuposto” (DI FANTI, 2003, p.97)

1.1.2 O gênero discursivo

Para Bakhtin, a língua efetua-se em forma de enunciados os quais são sempre únicos e concretos e refletem as características de um campo discursivo. Esses enunciados, embora sejam particulares e individuais, possuem formas típicas que estruturam a totalidade discursiva e orientam a construção e a compreensão do enunciado. Nas palavras de Bakhtin, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, 262).

Em *Os Gêneros do discurso: o problema e sua definição* (2003), Bakhtin inicia seu estudo sobre gênero, ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua e que, portanto, não é de admirar que se tenha tanta diversidade nesse uso e uma consequente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. A grande heterogeneidade dos gêneros poderia gerar a ideia de que seria impossível um plano único de estudo para os gêneros, mas, segundo ele, isso se deve ao fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca ser verdadeiramente estudada. Os gêneros do discurso, desde a Antiguidade, sempre foram estudados apenas do ponto de vista artístico-literário “e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos, mas têm com estes uma natureza verbal (linguística) comum” (BAKHTIN, 2003, p.263). Considerando essa riqueza e variedade de gêneros, o autor propõe a divisão deles em dois grandes grupos: gêneros primários – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva e os gêneros secundários – aqueles que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e organizado e são predominantemente escritos. Os gêneros secundários acabam, de certo modo, suplantando os primários, considerando que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nessa situação, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Os gêneros primários seriam instrumentos de criação dos gêneros secundários.

Para Bakhtin, quanto mais se dominam os gêneros discursivos mais livremente se pode empregá-los, mais nitidamente se pode perceber a nossa individualidade e mais sutilmente se

pode refletir sobre a situação singular da comunicação, realizando-se de forma mais completa o projeto discursivo.

1.1.3 A esfera

A noção de esfera da comunicação discursiva é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo. Nas palavras do autor,

cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 33)

Bakhtin critica a forma pobre e superficial com que os linguistas costumam classificar os estilos da língua, infringindo o requisito lógico principal de uma classificação, a sua unidade de fundamento. Para ele, essa dificuldade é “resultado direto da incompreensão da natureza de gênero dos estilos de linguagem e da ausência de uma classificação bem pensada dos gêneros discursivos por campos de atividade” (BAKHTIN, 2003, p. 267). Assim, o autor, a partir de sua concepção sócio-histórica de gênero, propõe as diferentes esferas sociais como um princípio de organização dos gêneros do discurso. Essa proposta de organização, embasada no princípio das esferas sociais, trabalha com a noção de gênero concreto, histórico, considerando inclusive a impossibilidade de uma classificação exaustiva, em decorrência da variedade de atividades humanas e, conseqüentemente, dos gêneros discursivos.

Em resumo, esfera representa um espaço social capaz de traduzir, refratar as demandas externas em razão da relação entre os agentes, as instituições e as obras de um determinado campo de produção cultural. Constitui-se em importante fator para se pensar as especificidades das produções ideológicas de um determinado campo de comunicação discursiva, tornando-se indispensável para o estudo dos gêneros discursivos.

1.2 GÊNERO DISCURSIVO X GÊNERO TEXTUAL

É possível compreender gênero tomando enfoques distintos. Quando o estudo centra-se na descrição da materialidade linguística, tem-se gênero textual; quando a preocupação centra-se em estudar essa atividade a partir das condições de produção de determinada esfera, tem-se gênero discursivo. São, portanto, os percursos metodológicos que se diferenciam. Enquanto o primeiro toma como ponto de partida a descrição das propriedades materiais para a compreensão do objeto, da atividade languageira, o segundo parte da descrição das situações de enunciação em seus aspectos socio-históricos para significá-lo. Assim, por priorizar a descrição da composição e da materialidade das produções languageiras, os textos, a primeira perspectiva acaba por utilizar noções da Linguística Textual, enquanto a segunda vertente, ao preocupar-se em ressaltar as marcas que decorrem das significações do discurso, apoia-se nas teorias de base enunciativo-discursivas. O que efetivamente pretende a perspectiva de gênero discursivo é ir além do texto, é buscar aquilo que o texto produz ao se manifestar em uma situação comunicativa, abrangendo sua significação e seu tema.

O próprio conceito de texto como *entidade física, produção linguística de um ou mais indivíduos* e de discurso como o *conjunto de significados que condiciona, atualiza* o texto parecem favorecer a compreensão dos distintos enfoques de análise. Uma análise que pretende dar conta dos efeitos de sentido não pode se limitar ao texto, deve ir além, adentrar ao contexto de situação, às condições de produção, à esfera da atividade para tornar-se efetivamente uma proposta de gênero discursivo. É a dimensão social, histórica, cultural e ideológica respaldando as descrições textuais.

Outro aspecto que permite distinguir tais vertentes diz respeito à motivação do analista frente ao objeto de investigação, ou seja, quando a preocupação reside na identificação e classificação dos gêneros, a tendência é tomar a materialidade linguística como ponto de partida da análise e aí tem-se, conseqüentemente, uma análise de gênero textual. Quando a preocupação reside em significar a atividade linguística a partir de aspectos sociais, históricos, ideológicos da situação de produção em termos de valoração, tema, sentido, salientando marcas linguísticas que refletem os aspectos da situação, tem-se, então, a

perspectiva denominada gênero discursivo. A análise das condições de produção deve não apenas estar ao lado da análise linguística, mas deve orientá-la no sentido de buscar encontrar pistas, marcas da língua, deixadas pelo autor no texto, que refletem a situação de produção. Rojo (2005), ao discutir a diferença entre ambas as perspectivas, afirma

o gênero textual nunca é visto como um universal *concreto*^[1] decorrente das relações sociais e regulador das interações e discurso configurados em enunciados ou textos, mas como uma designação convencionalizada, uma “noção” que recobre uma família de similaridades e que se encontra “representada” no conhecimento dos agentes como um modelo canônico.[...] aqueles que adotam a perspectiva de gênero do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos socio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 194-199)

Levando em conta essas noções, cabe verificar como, então, são contempladas no ensino de educação profissionalizante. Como é trabalhado efetivamente o ensino de produção e recepção de textos? Que perspectiva de língua subjaz a esse ensino? Segue-se uma perspectiva de texto ou de gênero? A perspectiva de gênero discursivo é contemplada? Há preocupação de mencionar as condições de produção, de recepção e de circulação dos textos e ainda de seus efeitos de sentido em termos socio-histórico-ideológicos?

Acredita-se que um profissional, mesmo que não tenha domínio pleno dos conceitos das atuais abordagens linguísticas, é capaz intuitivamente de trazer informações importantes sobre as condições enunciativas das produções trabalhadas, buscando principalmente dar significado aos textos lidos e produzidos em sala de aula. É nesse sentido que se buscou articular uma análise entre os planos e programas de ensino, a prática de sala de aula e a voz do professor.

2. METODOLOGIA

2.1 Investigação do tratamento dado ao ensino de gênero em instituição profissionalizante: programas e planos de ensino, observação de aulas, entrevista a professores

Em relação à análise dos programas de ensino, a observação se deteve em verificar a variabilidade e a adequabilidade de textos em relação à realidade atual das empresas, ou seja, se há um número significativo de gêneros da esfera empresarial no programa e se esses vêm acompanhando as transformações da realidade empresarial, sendo, assim, modificado e reatualizado constantemente. Nos planos de ensino, a intenção foi verificar quais aspectos são priorizados no objetivo da disciplina e, em especial, no trabalho voltado à produção e recepção de textos, ou seja, se há menção a fatores relacionados às condições de produção e circulação do gênero em estudo, ou qualquer referência à esfera de atividade, no caso, à esfera empresarial. Foram investigados planos e programa da disciplina de Língua Portuguesa de três cursos técnicos: Química, Eletrônica e Edificações.

No que diz respeito à observação de sala de aula, atentou-se para a dinâmica utilizada no desenvolvimento do conteúdo, principalmente se o professor tem preocupação em contextualizar o gênero em estudo, chamando a atenção sobre as condições que propiciaram e motivaram sua criação, a relação entre seus interlocutores, os aspectos como “onde” e “quando” o gênero circula, etc. Observou-se também se professor apresenta informações relativas à funcionalidade do gênero na esfera em que circula, se chama atenção para os aspectos formais em termos de estruturação de texto, se menciona características da linguagem em termos de adequação, correção, clareza etc., e se, ao propor atividades, leva o aluno a se engajar em uma situação que lhe permita compartilhar significados como uma forma de estar e agir no mundo. Além disso, se há menção às características da esfera em estudo em termos de valores, identidade, hierarquia e relações sociais. Foram observadas as aulas de Língua Materna ministradas nos cursos de Química, Eletrônica e Edificações.

Quanto à entrevista a professores de Língua Materna, procurou-se, através de conversa informal, verificar o trabalho a que se propõe esse profissional em termos de produção e recepção de textos e, principalmente, averiguar o real conhecimento que possui

a respeito do tema gênero. Com o intuito de evitar respostas padronizadas e permitir um ambiente descontraído em que pudesse fluir o pensamento do entrevistado, optou-se pela entrevista semiestruturada, a qual se caracteriza “por combinar perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto...” (BONI; QUARESMA, 2005, p.75)

Assim, lançou-se uma pergunta de cunho bastante abrangente sobre o trabalho desenvolvido com texto em sala de aula, no intuito de que o entrevistado mencionasse ao longo de sua fala os objetivos almejados, a metodologia utilizada, os textos e as fontes de consulta, seu conhecimento sobre a esfera empresarial e fizesse referência à concepção de gênero. Quando o entrevistado não fazia referência a esses aspectos, a pesquisadora criava oportunidade para que fossem mencionados ou, em caso específico, fazia diretamente tais questionamentos. Ocorreram também momentos em que a fala dos informantes provocou o surgimento de outros questionamentos, os quais foram acrescentados para a obtenção efetiva do objetivo a que o instrumento se propunha. Foram entrevistados, via equipamento de áudio, três professores, cujas aulas foram previamente observadas.

No quadro a seguir, apresenta-se o roteiro da entrevista, evidenciando os dados pessoais a serem coletados, a pergunta norteadora e os itens que deveriam ser mencionados pelo entrevistado ou, em caso de omissão, induzidos ou questionados diretamente ao entrevistado.

Foram selecionados como informantes da pesquisa três professores de Língua Portuguesa que ministram essa disciplina nos cursos referidos. Esses profissionais têm mais de dois anos de experiência com a disciplina e possuem nível de formação variada. O professor do curso de Química possui curso de mestrado na área de Linguística Aplicada e está, no momento, desenvolvendo estudos em nível de doutorado em Educação. O professor de Edificações possui especialização em Literatura e está desenvolvendo estudos em nível de mestrado em Linguística Aplicada e o professor de Eletrônica possui apenas graduação.

Quadro 1 - Roteiro da entrevista a professores de Língua Materna em ensino profissionalizante

I-	Dados Pessoais
	Nome:
	Idade :
	Tempo de serviço:
	Formação: () graduação () especialização () mestrado () doutorado
II-	Pergunta norteadora: Fale sobre o seu trabalho em sala de aula.
III-	Itens a serem mencionados informalmente pelo entrevistado ou, em caso de omissão, induzidos ou questionados formalmente pelo entrevistador.
a)	Objetivos de trabalho com texto em termos de produção e recepção
b)	Forma de escolha dos textos. Fontes de consulta.
c)	Perspectiva teórico-metodológica utilizada.
d)	Trabalho interdisciplinar
e)	Conhecimento sobre a realidade das empresas
f)	Perspectiva de gênero textual/discursivo

Acredita-se que somente a partir da articulação desses três formas de investigação é possível desvendar o real tratamento que hoje é concedido ao tema em estudo, já que é bastante comum haver discrepância entre o dizer e o fazer nas diversas práticas da atividade humana.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 OS PLANOS E OS PROGRAMAS DE ENSINO

Em relação aos planos de ensino (documento que registra a proposta pedagógica em termos de atuação do professor, organização e funcionamento da disciplina) e aos programas de ensino (material em que consta a ementa e o rol de conteúdos a serem desenvolvidos), pôde-se verificar que, de modo geral, a proposta pedagógica que embasa o atual ensino de língua materna da instituição profissionalizante, em termos documentais, não tem como centralidade a perspectiva enunciativo-discursiva.

Os planos de ensino, principalmente em seus objetivos, revelaram ou uma perspectiva voltada para o ensino de cunho instrumental e estruturalista ou mostraram reprodução dos objetivos dos PCN sem levar em conta a realidade local. Por motivo de espaçamento, evidenciam-se aqui apenas alguns dos objetivos apresentados nos planos de ensino dos cursos avaliados, dispensando também menção aos outros itens como: conteúdos, metodologia, avaliação, bibliografia, relação com as demais disciplinas, que constam no documento padronizado pela instituição.

Obviamente que os objetivos apresentados pelos cursos de Edificações e de Química (quadro 2) trazem em sua essência uma concepção de língua em consonância com as atuais abordagens da linguística em especial com uma proposta de ensino de base interativa, já que reproduzem quase que literalmente a proposta dos PCN. Fazem referência à linguagem como *meio de organização cognitiva da realidade* e apresentam proposta voltada à análise do *texto com seu contexto de acordo com as condições de produção e recepção*, o que remete, sem dúvida, a uma perspectiva de ensino voltada para o trabalho com gêneros discursivos. Isso, no entanto, não garante que essas abordagens sejam contempladas, já que o plano, em nenhum momento, evidencia características da esfera em estudo e da realidade local como forma de significar a prática pedagógica.

Quadro 2- Objetivo da disciplina de Redação Técnica do Curso de Edificações e da disciplina Português do Curso de Química e as competências e habilidades propostas pelos PCN

Objetivo da disciplina Redação Técnica do Curso de Edificações	Competências e habilidades propostas pelos PCN (p. 28 e 29)
Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade.	Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.
Objetivo da disciplina Português do Curso de Química	Competências e habilidades propostas pelos PCN (p. 28 e 29)
Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando os textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.	Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens verbal, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).

Quadro 3- Objetivo da disciplina Comunicação e Expressão do curso de Eletrônica

A disciplina visa proporcionar a reflexão sobre língua portuguesa e sua adequada utilização, favorecendo a construção do pensamento e do posicionamento crítico. Ainda, facilitar o domínio de conhecimento lingüístico e a inserção do aluno no mercado de trabalho e na sociedade.

Em relação ao plano de ensino do curso de Eletrônica (quadro 3), é possível verificar que o objetivo, de modo geral, prioriza aspectos voltados à forma (reflexão e adequada utilização da língua, construção do pensamento, domínio de elementos lingüísticos segundo o padrão culto da língua,) como meio principal de facilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho e na sociedade. Não há em nenhum momento referência a uma proposta voltada para elementos relacionados ao contexto de produção. A linguagem não emerge como constitutiva das atividades sociais nem há menção aos papéis sociais e às relações interpessoais estabelecidas em processos específicos de produção e recepção de textos. A noção de gênero como um agir lingüístico que apresenta elementos recorrentes de forma e de conteúdo por meio do qual as pessoas tentam alcançar objetivos não emerge em meio à proposta de ensino da disciplina.

Os programas de ensino da instituição apresentam quatro segmentos distintos: Dados informativos sobre a disciplina, Ementa, Conteúdos e Bibliografia. Primando pela objetividade, aqui, também, a análise recai apenas em um dos itens, os conteúdos. E em termos gerais, pode-se verificar, no rol dos conteúdos, a presença de aspectos gramaticais, literários e textuais. No que diz respeito ao trabalho com textos, percebeu-se menção a uma diversidade de gêneros voltados para a esfera escolar – relatório de estágio, relatório de atividade, resumo e poucos vinculados à esfera empresarial. Gêneros direcionados a preparar o aluno para ingressar no mercado de trabalho também foram verificados: Curriculum Vitae, Carta de apresentação, Entrevista de emprego. A seguir, faz-se um levantamento de todos os gêneros mencionados nos programas avaliados e sua recorrência nos três cursos avaliados:

Quadro 4- Gêneros arrolados nos programas de Língua Materna dos cursos de Edificações, Química e Eletrônica

	Gêneros arrolados no programa de língua materna no curso de Edificações	Gêneros arrolados no programa de língua materna no curso de Química	Gêneros arrolados no programa de língua materna no curso de Eletrônica
Apresentação Power Point			x
Artigo			x
Carta de apresentação			x
Carta autobiográfica			x
Carta comercial	x		x
Curriculum Vitae	x	x	x
Descrição técnica	x	x	x
Entrevista de emprego			x
Fichas de pesquisa			x
Memorial Descritivo	x		
Palestra	x		x
Projeto de pesquisa		x	
Relatório de estágio	x	x	x
Resumo			x

De modo geral, pode-se dizer que os documentos analisados – planos e programas de ensino – não fizeram menção a uma perspectiva base enunciativa no ensino de língua materna, nem referência a um trabalho voltado para o estudo de gêneros. Trabalhar sobre essa perspectiva significa compreender a língua como atividade social e, nesse sentido, ensinar uma língua é ensinar a agir naquela língua e aprender uma língua é aprender maneiras de participar de ações numa comunidade. Tomar como base essa perspectiva é acreditar que a comunicação ocorre efetivamente por meio de gêneros, ou seja, por meio de um conjunto de elementos recorrentes com relativa plasticidade em termos de forma e de conteúdo, por meio do qual as pessoas tentam alcançar objetivos. Nas palavras de Motta-Roth (2006), gênero são “formas recorrentes e significativas de agir em conjunto, que põem alguma ordem no contexto da vida em coletividade, ... a ponto de tornar-se um fenômeno estruturador da cultura” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 26) e essa abordagem não emerge em meio à proposta pedagógica de base documental da Instituição.

3.2 A PRÁTICA DE SALA DE AULA

No que diz respeito à observação de sala de aula, cabe mencionar inicialmente que foi solicitada aos professores a assistência de aulas que tivessem como proposta o texto. Assim, observou-se no curso de Edificações, na disciplina denominada Redação Técnica, o trabalho como o Relatório de Estágio. No curso de Química, na disciplina denominada Português, observou-se o tratamento dado ao *Curriculum Vitae*, e no Curso de Eletrônica, na disciplina Comunicação e Expressão, o trabalho observado foi de leitura de texto, espécie de artigo de opinião, sobre Ética e de produção de texto argumentativo.

Na aula sobre o Relatório de Estágio, considerando a explanação do professor, o material escrito entregue aos alunos e a atividade por eles realizada, pode-se dizer que a preocupação maior esteve centrada em aspectos formais e estruturais. O documento informava o que deveria ser mencionado em cada uma das partes do relatório e chamava a atenção para aspectos relacionados à clareza, à objetividade, à coesão, à coerência e à correção linguística. Não houve menção nem no texto nem na voz do professor ao conceito do gênero e às condições de produção e de recepção de um relatório de estágio. Por que se

escreve um relatório de estágio? Para que serve? Quem lê? Como tramita? Quando e onde se produz? Não foram questões mencionadas durante a aula.

Na aula sobre Curriculum Vitae, no curso de Química, diferentemente do material observado anteriormente sobre Relatório de estágio, observou-se menção a alguns aspectos relativos ao contexto de produção.

Algumas dessas informações presentes no material escrito aparecem transcritas abaixo.

A) Finalidade do texto: “Destina-se a apresentar dados e informações pessoais de forma sintética e ordenada, nos mais diversos casos: solicitação de emprego, concessão de bolsas de auxílios, inscrição, auxílio a projetos etc.”

B) Perfil do locutor: “esse tipo de profissional precisa mostrar desde o início sua capacidade para o que se propõe a fazer”.

C) Aspectos que dizem respeito à forma e ao estilo de linguagem: “Frases e o uso da primeira pessoa são mais diretas e convincentes. Recomenda-se o uso da primeira pessoa. Por exemplo: Implantei, construí, vendi, organizei, etc.”

D) Aspectos relacionados à funcionalidade: “O primeiro passo para a redação do *curriculum* é deduzir quais as prováveis exigências do cargo pretendido (dados e qualificações pertinentes ao caso), e, se possível, um contato com os órgãos, entidade ou empresa a fim de obter esclarecimentos e informações necessárias.”

Em relação à voz da professora, pôde-se verificar, no transcorrer da aula, uma série de considerações complementares que dizem respeito ao contexto de produção e de circulação do currículo. Assim, ao mencionar a necessidade de ele ser objetivo, a professora trouxe à tona especificidades da esfera empresarial, em especial ao fato de o ambiente ser altamente dinâmico, em que todas as ações, inclusive relacionadas à seleção de pessoal,

primam pela rapidez e agilidade. Ao justificar a importância de o currículo apresentar correção e clareza, evidenciou o fato de serem esses os elementos que vão construir no imaginário do recrutador a imagem do candidato. Sugeriu a necessidade de o material ser revisado por pessoa experiente antes de ser enviado à empresa. A importância de o currículo ser entregue em mãos, o que pode gerar um efeito de sentido de maior comprometimento e interesse pela vaga na empresa também foi mencionado.

A terceira aula assistida foi da disciplina de Comunicação e Expressão I, do Curso de Eletrônica, cuja proposta consistia em trabalhar um texto retirado da revista Veja de 2002, de Stephen Kanitz, intitulado *A Importância da Ética*. O objetivo, conforme afirmou a professora, era de discutir o tema e oferecer subsídios para a produção de um texto argumentativo.

Após a discussão, a professora entregou aos alunos o texto escrito sobre ética, e a leitura foi feita por um dos alunos. Apesar de não mencionado pela professora, tratava-se de uma espécie de artigo de opinião, já que há a exposição do posicionamento do autor sobre um tema atual e o texto é de circulação jornalística. Considerações sobre o contexto de produção em termos de autor, destinatário, esfera de circulação, finalidade do gênero não foram mencionados. Após a leitura do texto e breves comentários, a turma foi dividida em grupos e cada um deles deveria produzir um texto argumentativo a ser entregue, no final da aula, à professora para avaliação. Não houve, em nenhum momento, referência específica à ética no ambiente empresarial, assim como o professor não teceu comentários às características do gênero lido, no caso artigo de opinião, nem a respeito do texto a ser elaborado pelos alunos, denominado pelo professor apenas de argumentativo.

A análise das produções dos alunos permitiu verificar que, de forma geral, os alunos produziram textos argumentativos, ou seja, posicionaram-se de maneira crítica frente ao assunto, intencionando convencer o leitor através de argumentos. Ainda que o texto argumentativo não seja considerado um gênero e sim um tipo ou sequência textual [2], acredita-se que toda e qualquer proposta de produção textual em sala de aula, seja ela sustentada por qualquer abordagem teórica, deve vir acompanhada de informações sobre seu contexto de produção, pois é ele que vai determinar o que e como escrever. Esses aspectos

são indispensáveis no momento da produção e devem vir à tona toda vez que o professor fizer proposta de atividade escrita aos alunos. Referência a esses aspectos, no entanto, não foram evidenciadas na aula observada.

Em síntese, o segundo instrumento de análise revelou que a perspectiva de gênero discursivo não foi contemplada no trabalho de leitura e produção de textos em sala de aula dos cursos avaliados. Ainda que informações contextuais estivessem presentes – de forma considerável – na fala do professor de Química, não se pode dizer que o trabalho desenvolvido em sala de aula tenha seguido uma abordagem enunciativo-discursiva e de gênero. As considerações feitas não se centralizaram em despertar no aluno a consciência crítica dos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem em situação específica. Tanto o relatório, quanto o currículo e o artigo de opinião não foram concebidos como ação ou atividade, como um agir linguístico que visa a atingir um objetivo. As especificidades da esfera em que são produzidos, as condições de produção, recepção e circulação dos gêneros em estudo foram relativamente abordadas nos trabalhos com Curriculum Vitae. Menção às características recorrentes em termos de tema, forma e estilo como marcas que refletem a situação de enunciação, em termos ideológicos, históricos e sociais seriam mais frequentes e sustentariam mais as reflexões levantadas, caso a proposta seguisse uma abordagem efetivamente discursiva.

Conceber o texto sob a perspectiva enunciativa, em que ele é visto como o resultado de relações sociais, como uma voz que sucede e antecede outras, como atividade linguística que visa atingir determinados fins não foi perspectiva contemplada nas aulas de Língua Portuguesa de cursos profissionalizantes da instituição observada. Dar subsídios para que o ensino de Língua Materna, em instituição profissionalizante, se sustente em uma abordagem enunciativa e de gênero, como pretende a presente pesquisa, não significa substituir e/ou abandonar abordagens anteriores, mas acrescentar formas de conceber o texto no sentido de avançar no seu processo de compreensão e de significação.

3.3 A VOZ DO PROFESSOR

A partir da questão norteadora “Fale sobre o seu trabalho com texto em sala de aula”, procurou-se inferir da voz do professor aspectos relacionados ao objetivo da disciplina, à proposta teórico-metodológica de ensino, ao conhecimento que esse profissional tem da realidade do curso e da empresa a que o aluno tem e terá vínculo, assim como seu conhecimento sobre gênero, na tentativa de averiguar qual perspectiva de língua subjaz efetivamente no ensino de Língua Materna na Instituição.

A seguir evidenciam-se as falas dos professores quando questionados sobre sua concepção de língua:

Minha concepção de língua é o instrumento né, língua é instrumento, poderia se categorizá-la de diversas maneiras, mas no momento de tentar ensinar ... sinto a língua como um ... instrumento, instrumento de trabalho pra mim e pra eles, instrumento de comunicação, instrumento de transmissão de pensamentos, de reflexão, língua como esse, esse instrumento precisa ah... como violão, tem que afinar o violão pra tocar bonito, então, é isso aí, que dizer, tu tem que tá buscando ajustar ah... de acordo com as situações...

Bom, eu acho que a concepção de língua que deve estar por... por trás, né, de uma abordagem, né, da leitura e da escrita é uma concepção de língua INTERACIONISTA, ... eu acho que a língua ela tem que tá...estar a serviço, né, a serviço do indivíduo, eu acho que a gente tem que buscar uma comunicação, ah,ah... que seja clara, ela tem que ser um instrumento que possibilite o desenvolvimento do indivíduo...

Meu objetivo é que eles tenham condições de atender qualquer demanda que eles tenham no mercado de trabalho assim, ah... com um mínimo, né, de consciência linguística, sabendo se organizar tanto por escrito como falando...

Considerando as três grandes concepções de língua que embasam o ensino, difundidas pela literatura da área de linguagens e apresentadas, em especial, por Koch (2003) e Travaglia (2002): língua como expressão do pensamento, língua como instrumento de comunicação e língua como forma de interação[3], é possível afirmar que predominantemente

a concepção de língua subjacente ao ensino de língua materna na Instituição é de base instrumental, ou seja, os professores veem a língua como uma ferramenta que deve ser dominada pelo aluno como meio de promover sua ascensão social e profissional. Vozes provenientes da Lingüística Textual, enfatizando a necessidade de se trabalhar textos variados, de tratar questões de forma e conteúdo ou ainda questões de coesão e coerência foram recorrentes. Ecos da Sociolingüística, revelando preocupação do professor em sensibilizar o aluno para adequação da linguagem em diferentes circunstância do trabalho foram também percebidos. O discurso do professor, de modo geral, mostrou-se heterogêneo, filiado a uma diversidade de abordagens lingüísticas. Uma concepção de língua como atividade, cujos sentidos são construídos na interação; um ensino centralizado em despertar no aluno a consciência crítica dos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem em situação específica, levando-o a refletir sobre o caráter histórico, cultural e ideológico da atividade lingüística não emergiu em meio a fala dos entrevistados.

Em relação à concepção de gênero, os professores, de modo geral, revelaram ter relativo conhecimento sobre tal abordagem, já que, em diversos momentos, termos e expressões relacionados à teoria foram mencionados. “*Modos de dizer*”, “*tipos de escrita*”, “*modos de enunciar que têm certas características comuns*”, foram algumas das expressões citadas e remetem, sem dúvida, ao tão conhecido “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” de Bakhtin. O discurso do professor, no entanto, revelou que a concepção de gênero está relacionada a aspectos formais do texto, visto mais como uma família de textos com características similares do que como uma prática social mediada pela linguagem. Os fragmentos abaixo reiteram a afirmação:

O que eu entendo quando tu me pergunta gênero? ... eu ainda, ainda nessa etapa de estudos que eu estou, eu ainda vejo o gênero mais ligado à forma mesmo do que ao conteúdo...digamos assim, uma afiliação a certas, a certos modos de dizer né, que vão definindo o tipo de escrita, de enunciação vamos pensar assim, modos de enunciar que têm certas características comuns e que vão agrupando em gêneros, né...

Eu acho que hoje temos diversos tipos, né, há diversos tipos de gêneros textuais, gêneros discursivos, mas me sinto mais a vontade em falar nos gêneros textuais e acho que hoje a gente precisa trabalhar, né, o ensino da escrita com essa diversidade de gêneros textuais que existem, até porque o gênero ele está relacionado a uma prática social, então acho

que tanto o ensino da leitura, quanto o ensino da escrita ele tem que ser embasado nesses diferentes tipos de gêneros que circulam hoje...

Geralmente, no A4, a gente trabalha o gênero relatório de estágio, se trabalha currículo, ah,ah..., carta de apresentação...No primeiro módulo não se trabalha muito gênero, no primeiro módulo eu tento marcar realmente as dificuldades...

Cabe por fim salientar que foi unânime da parte dos entrevistados o desconhecimento das práticas de linguagem efetuadas na esfera empresarial e dos gêneros que aí circulam. A escolha dos textos se dá em função dos temas que podem ser de interesse da classe e, na maioria das vezes, são retirados da Internet.

Eu não sei te dizer assim, em que medida, os egressos da edificações vão trabalhar o texto fora, né, trabalhar com o texto. Eles produzem relatórios? Produzem. Isso é um tipo de texto, eles têm que produzir orçamentos, é um tipo de texto... Agora a partir disso, não sei mesmo o que, o quê?

Não, eu não conheço os textos que circulam nas empresas de química. A empresa que eu conheço e um pouco, porque o meu marido trabalha lá, é a CGTEE que recebe muitos alunos tanto da área de eletrotécnica, quanto da área de eletrônica ..., mas é pouco também ...

Ah, ah,ah... não há, não há circulação na empresa. De empresa eu tenho algum texto técnico que eu trabalho, até porque eu comprei livros de eletrônica e de outros cursos que eu trabalho, mas aí é técnico demais, não é muita coisa que eu ache que vá circular na empresa...[...]

De forma geral, os professores afirmaram que não só desconhecem as especificidades da esfera empresarial, área de atuação do futuro profissional, como têm dificuldade de desenvolver um trabalho interdisciplinar com as disciplinas técnicas em função do número de aulas e da diversidade de cursos que têm que atender durante o ano letivo. Foi unânime, no entanto, a posição de que um trabalho integrado com as disciplinas técnicas de modo a atender à realidade do mercado de trabalho contribuiria de forma significativa para a qualidade de ensino da Educação Profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o resultado da pesquisa mostrou que mudanças significativas podem e devem ser feitas no ensino de Língua Materna da Educação Profissional. E, nesse sentido, oferecer um ensino de cunho enunciativo-discursivo, com base nos atuais estudos de gênero pode ser um caminho em direção a melhorias na qualidade e representatividade da disciplina. Seguir essa perspectiva significa conceber a linguagem como atividade, como prática social com vistas a atingir objetivos; significa perceber os textos como produções que apresentam recorrências em termos de forma e de conteúdo reveladoras de seu contexto de produção. Nessa perspectiva, o ensino se centraliza em despertar no aluno a consciência crítica dos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem em situação específica, levando-o a refletir sobre o caráter histórico, cultural, social e ideológico da atividade linguística.

Que atividade social é realizada quando se produz determinado gênero? Que circunstâncias desencadearam sua produção? Que características apresentam produtor e destinatário? Que papel desempenham os interlocutores e que relação é estabelecida entre ambos? Quando é produzido? Qual tema, estrutura composicional e estilo são recorrentes e como variam? Que escolhas linguísticas são feitas para atingir o objetivo a que se propõe? Que efeitos de sentido são produzidos, considerando aspectos sociais e ideológicos? O que existe por trás do texto e que por ele é revelado? Essas são algumas das reflexões levantadas quando se propõe a analisar um texto sob a perspectiva de gênero discursivo.

Assim, tomar como base uma abordagem de gênero discursivo significa buscar aquilo que está por trás da relação texto e contexto, configurando significados recorrentes e próprios de uma determinada esfera de comunicação. Isso, sem dúvida, requer descrições mais abrangentes, reflexões e considerações mais acuradas sobre o gênero em questão e sobre a esfera na qual ele circula.

Espera-se que as vozes contidas neste estudo possam, de alguma forma, iluminar as práticas de sala de aula do ensino profissionalizante, seja na promoção de mudanças curriculares, seja no desenvolvimento de projetos pedagógicos, seja na elaboração de aulas ou

de material didático, de modo que o trabalho com gêneros não represente mais um modismo pedagógico incorporado por uma elite acadêmica no tratamento com o texto, mas contribua efetivamente para a qualidade de ensino, em especial, da Educação Profissional no país.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BONI,V.; QUARESMA, S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa para o ensino médio*. Brasília: MEC/ SEMTEC, 1999.

DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, UFJF, v. 7, n.1-2, p. 95-111, jan./dez. 2003.

KOCH, I. G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. O conceito de Estrutura Potencial do Gênero de Ruqayia Hasan. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D.; MEURER. J. L. (Org.). *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

ROJO, R. Gêneros discursivos e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: BONINI, A.; MOTTA- ROTH, D.; MEURER. J. L. (Org.). *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002.

Fernanda Pizarro de MAGALHÃES

Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas e mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. Tem experiência na área de Linguística Aplicada com ênfase em estudos de Gênero Discursivo/Textual. Atualmente faz parte do corpo docente do curso de pós-graduação em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias do IFSul.

NOTAS

[1] Ênfase da autora em decorrência da correlação que, previamente, em seu texto, estabeleceu entre gênero e a proposta marxista.

[2] Segundo Marcuschi (2008) tipo textual “designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção”. (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

[3] A literatura da área aponta três grandes concepções de língua que contribuíram na definição dos conteúdos e dos métodos a serem adotados na escola. São elas: **concepção tradicional de língua**, **concepção estrutural** e **concepção interacionista** (KOCH, 2003). A primeira considera a linguagem *expressão do pensamento*, logo, se as pessoas não se expressam bem é porque não pensam, ou não pensam bem, não conseguem organizar as ideias, segundo uma lógica. "A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece" (TRAVAGLIA, 2002, p.21). Na segunda, a linguagem é *instrumento de comunicação* e "a língua é uma *estrutura* disponível ao uso dos falantes, mas sobre a qual possuem reduzida atuação" (KOCH, 2003, p. 35). Nessa perspectiva, "a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (TRAVAGLIA, 2002, p.22). A terceira considera a língua um "lugar de interação de sujeitos ativos" (KOCH, 2003, p. 38) ou ainda de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação comunicativa e em um contexto sócio, histórico, ideológico.